

‘UNIVERSO FEMININO E MASCULINO’: ANÁLISE DO DISCURSO PARENTAL SOBRE MENINOS E MENINAS

MARIA TERESA DE ASSIS CAMPOS*
RAFAEL DE TILIO**

RESUMO: Este estudo teve como objetivo identificar as Formações Discursivas presentes nos discursos de pais de meninos e meninas sobre o feminino e o masculino. Participaram dele cinco casais heterossexuais, com pelo menos um filho e uma filha. Os dados coletados foram analisados à luz da Análise do Discurso de Michel Pêcheux, e indicaram que as famílias reproduzem em seus discursos e práticas estereótipos tradicionais de gênero, respondendo a Formação Ideológica heteronormativa e binária que acentua a dominação do masculino sobre o feminino. Ao final, percebeu-se que a família se caracteriza como importante núcleo interventivo na tentativa de reconfigurar as alternativas discursivas no campo da sexualidade e gênero, criando autonomia e espaços seguros para mulheres e sujeitos dissidentes da heteronorma.

Palavras-chave: Família; sexualidade e gênero; análise do discurso.

ABSTRACT: This study aimed to identify Discursive Formations presents in the discourses of parents of boys and girls about the feminine and the masculine. Five heterosexual couples participated, with at least one son and one daughter. The collected data were analyzed in the light of Michel Pêcheux Discourse Analysis, and indicated that families reproduce in their discourses and practices traditional gender stereotypes (binary ideological formation, heteronormative and domination of male above female). In the end, it was perceived that the family is characterized as an important intervention nucleus in the attempt to reconfigure the discursive alternatives in the field of sexuality and gender, creating autonomy and safe spaces for women and dissident subjects of heteronorma.

Keywords: Family; sexuality and gender; discourse analysis.

INTRODUÇÃO

Muitos são os marcadores que se cruzam na formação da identidade humana, como história, cultura, economia, etnia, classe, nacionalidade e os do campo da sexualidade e gênero. Isso implica na recusa da identidade como uma dimensão estática, concebendo-a como fluida e associada às alterações e relações estabelecidas ao longo da vida (OLIVEIRA & LEÃO, 2012).

* Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba MG, Brasil. mtassiscampos@hotmail.com

** Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba MG, Brasil. rafaeldetilio.uftm@gmail.com

Dessa forma, a socialização é recurso importante na constituição da subjetividade dos sujeitos. A família desempenha papel fundamental nesse processo, já que comumente é o primeiro núcleo de inserção dos sujeitos, carregando significados e sentidos na constituição do *eu* dos seus membros (PESSOA & COSTA, 2014).

A família, assim como outras instituições, produz sentidos e estabelece modelos que possibilitam e cerceiam expressões de gênero, delimitando o que é adequado para homens e mulheres para que eles se enquadrem na *normalidade*. Isso exerce controle sobre a subjetividade e atitudes dos sujeitos, influenciando na constituição de suas identidades (FERREIRA & AGUINSKY, 2013).

Porém, não é apenas na esfera individual que os marcadores de gênero operam, haja vista que eles balizam também o espaço coletivo. A dominação do masculino sobre o feminino, a restrita autonomia das mulheres e as constantes violências de gênero, por exemplo, não se limitam aos sujeitos que delas sofrem, mas ilustram uma ordem social que as legitima (BIROLI, 2014).

Por sua vez, a linguagem enquanto discurso (produção de sentidos entre interlocutores) constitui-se como instrumento essencial tanto na transmissão das normas e modelos que regem as expressões e identidades de gênero quanto no processo de controle que cria a ilusão de que essas normatizações são individuais, apagando sua constituição histórica e social e seus mecanismos de poder (ORLANDI, 2013).

Dessa maneira, considerando que o campo da sexualidade e gênero oferece subsídio para relações de dominação e violência, que a família possui papel fundante nas concepções desse campo além de assegurar que seus membros estejam adequados às normatizações (FOUCAULT, 2014), e que os discursos são recursos chaves para que as hierarquias de poder se estabeleçam sob as cortinas da naturalização e individuação (FOUCAULT, 1996), faz-se relevante compreender de que maneira os pais regulam as questões de gênero no processo de socialização, educação e criação de seus filhos.

Portanto, esta pesquisa teve por objetivo identificar quais são as principais Formações Discursivas (FD) presentes nos discursos de pais de meninos e meninas sobre o feminino e o masculino.

MÉTODO

Tipo de Estudo: Trata-se de um estudo exploratório, de corte transversal, apoiado na abordagem qualitativa de pesquisa.

Participantes: Cinco casais participaram do estudo, todos compostos por um homem e uma mulher com idades entre 32 e 45 anos. Todos coabitavam há pelo menos dez anos e eram pais de ao menos um menino e uma menina com idades entre quatro e dezesseis anos. A Figura 1 apresenta as principais informações dos participantes e suas famílias.

A tabela foi inserida considerando que as características da amostra, ou seja, os marcadores sociais (tais como o tempo de relacionamento, idade e gênero

dos participantes e dos filhos, a orientação heterossexual do casal, entre outros) produzem condições materiais que fazem parte da determinação dos discursos dos sujeitos, bem como do resgate dos sentidos apresentados por eles.

Figura 1. Caracterização dos participantes e suas famílias.

Casal	Idade do Homem	Idade da Mulher	Tempo de Relacionamento	Idade e Gênero dos Filhos
Casal 1 (H1; M1)	43	33	14 anos	Filho 1: Menina, 14 anos; Filho 2: Menino, 10 anos; Filho 3: Menino, 3 anos; Filho 4: Menina, recém-nascida
Casal 2 (H2; M2)	32	34	15 anos	Filho 1: Menina, 8 anos; Filho 2: Menino, 5 anos.
Casal 3 (H3; M3)	39	35	15 anos	Filho 1: Menina, 6 anos; Filho 2: Menino, 4 anos.
Casal 4 (H4; M4)	42	39	18 anos	Filho 1: Menino, 10 anos; Filho 2: Menina, 8 anos.
Casal 5 (H5; M5)	45	41	23 anos	Filho 1: Menina, 16 anos; Filho 2: Menino, 11 anos.

Instrumentos: Foram confeccionados dois roteiros de entrevista semiestruturados para a coleta de dados, sendo um para aplicação individual e outro para a aplicação com o casal. Ambos tratavam da história do casal, da rotina e das relações familiares.

Procedimentos de coleta dos dados: Os possíveis participantes foram recrutados por meio da rede de contatos dos pesquisadores. Aqueles que respondiam aos critérios de inclusão (casais heterossexuais que coabitassem a pelo menos dez anos e que tivessem, pelo menos, um filho e uma filha entre 4 e 16 anos) foram contatados via telefone, momento no qual lhes foi explicada a proposta da pesquisa e depois feito o convite de participação. Com aqueles que aceitaram participar foram agendados dias e horários para as entrevistas de coleta de dados.

Durante a coleta de dados foi, inicialmente, solicitado que os participantes lessem e assinassem o termo de consentimento livre e esclarecido. Em seguida as entrevistas eram iniciadas, primeiramente com cada um dos cônjuges na ordem decidida por eles e, depois, com o casal. As três entrevistas sempre eram realizadas no mesmo dia, uma em sequência da outra e foram audiogravadas com autorização dos participantes.

Após o fim da coleta de dados, as entrevistas foram transcritas integralmente, impressas e lidas várias vezes, até que os dados pudessem ser organizados para posterior análise a partir da perspectiva teórica da Análise do Discurso de Michel Pêcheux.

Referencial Teórico

A Análise do Discurso (AD) de Michel Pêcheux parte da premissa de que a linguagem não é transparente e, por isso, não acessa o real de maneira objetiva. Dessa maneira, os sentidos não possuem naturalmente uma relação direta e inequívoca com os objetos, mas são produtos históricos e frutos de construções

coletivas, os quais servem tanto para comunicar quanto para não comunicar (produzir equívocos) (ORLANDI, 2013; PÊCHEUX, 2014).

Assim, pode-se dizer que se a linguagem não corresponde a uma ligação direta com o mundo, ela se torna possível devido ao estabelecimento de uma ilusão referencial que baliza o processo de comunicação e as produções discursivas: a ilusão de que haveria relação direta entre pensamento-mundo-linguagem, como se cada um deles tivesse seu correspondente direto (ORLANDI, 2013).

Os discursos são compreendidos pela AD Pecheuxtiana como a linguagem colocada em movimento por sujeitos, produzindo efeitos de sentido entre eles. Eles são delimitados pelas condições materiais de produção que determinam as possibilidades discursivas dos sujeitos de acordo com suas condições de produção (como “quem diz”, “quando diz”, “de que maneira diz”) (PIRES & SOBRAL, 2013). É também por meio deles que os sujeitos demonstram suas filiações ideológicas, bem como as disputas discursivas e ideológicas se manifestam (ORLANDI; 2013; PÊCHEUX, 2014).

Para que os discursos se viabilizem algumas condições são necessárias, dentre elas: o Interdiscurso, caracterizado como a memória discursiva da qual os sentidos são resgatados para que ressoem no aqui e agora; o Esquecimento Número 1, que cria nos sujeitos a ilusão de autoria, ou seja, de que seriam eles (desconsiderando as condições materiais de produção, o Interdiscurso e a interpelação pela Ideologia) o ponto de partida dos discursos; o Esquecimento Número 2, que faz com que os sujeitos acreditem que a única maneira de dizer algo seja com as exatas palavras que utilizaram, possuindo uma relação direta com a ilusão referencial (ORLANDI, 2013; PÊCHEUX, 2014).

Ambos os Esquecimentos indicam que, assim como aquilo que é dito, o modo como é dito e o que não é dito também significam, revelando outras possibilidades discursivas que poderiam estar contempladas por aquele discurso. Dessa maneira, as palavras utilizadas para compor determinado discurso não respondem ao acaso, mas sim às determinações materiais a ideológicas que situam os sujeitos em específicas posições discursivas, e não em outras (ORLANDI, 2013; PÊCHEUX, 2014).

Considerar as posições discursivas nas produções da linguagem implica em compreender que, para além dos lugares empíricos ocupados pelos sujeitos, o (campo do) imaginário também regula as práticas discursivas. Há três Formações Imaginárias importantes, a saber: a Antecipação Imaginária (capacidade de balizar o próprio discurso em resposta ao efeito que se pretende causar no interlocutor); as Relações de Sentido (ligação inevitável de um discurso a outro para que ele faça sentido); e as Relações de Força (jogos de poder que possibilitam, cerceiam e atribuem diferentes pesos e valores a diferentes discursos) (ORLANDI, 2013; PÊCHEUX, 2014).

Todos esses aspectos citados (ilusões, Esquecimentos e Formações Imaginárias) tornam-se possíveis devido à atuação da Ideologia nos processos linguísticos. Ela acarreta a naturalização dos sentidos, apagando suas raízes sociais e históricas ao mesmo tempo em que interpela e constitui os indivíduos em sujeitos, assujeitando-os a essas mesmas condições. Dessa maneira, ao

mesmo tempo em que a Ideologia falseia as condições materiais de produção de sentido ela situa os sujeitos histórica, social e culturalmente, porém de maneira inconsciente, estabelecendo as ilusões de autonomia e de controle dos próprios discursos (PÊCHEUX, 2014).

Visto isso, é pertinente dizer que o que está em ação na produção de efeitos de sentidos não são os sujeitos a partir de seus lugares empíricos, mas sim a posição discursiva que ocupam e que é estabelecida pelo jogo imaginário e ideológico que situa os sujeitos dentro de determinada sociedade e cultura (ORLANDI, 2013). Uma vez determinados pelas condições materiais de produção os discursos sustentam “essas” e não “aquelas” FD (possibilidades de dizer) permitidas ou não pela Formação Ideológica (FI) (conjuntura sociohistórica) vigente (ALTHUSSER, 2010; PÊCHEUX, 2014).

A partir dessa perspectiva e desses conceitos os dados coletados passaram por dois momentos na análise: (1) a dessuperficialização do *corpus*, na qual são apontadas as FD e as incidências do Interdiscurso e do Esquecimento 2, compondo o Objeto Discursivo, e (2) uma discussão acerca da Formação Ideológica (FI), da Ideologia, do Esquecimento 1 e das Formações Imaginárias as quais balizaram os sentidos constituídos pelo/no *corpus* (Processo Discursivo) (GOMES, 2007).

Aspectos Éticos: A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (CAAE 48934915.3.0000.5154 na Plataforma Brasil).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção será fracionada em três momentos. Os dois primeiros tratarão sobre o ‘universo masculino’ e o ‘universo feminino’ descrito pelos pais, buscando identificar as FD que perpassaram seus discursos, atingindo dessa maneira o Objeto Discursivo. Em seguida, a terceira sessão será dedicada ao Processo Discursivo.

O universo masculino

Nas entrevistas, os participantes demonstram a ideia de que meninos/homens e meninas/mulheres são diferentes, e essa diferença sustenta-se na diferenciação sexual e de gênero que, por si só, adéqua os sujeitos a determinadas atividades e confere a eles determinados traços de personalidade.

Essa divisão do masculino e do feminino em dois ‘universos’ diferentes, e em muitos momentos opostos, caracteriza a primeira FD (FD1). Ela será discutida nos dois subtópicos (*universo masculino e universo feminino*), mas neste serão priorizados os recortes discursivos referentes ao masculino. Para exemplificar a FD1 foram recortados os seguintes trechos das entrevistas:

(H1 quando questionado sobre as atividades que costumam fazer com os filhos e os presentes que costumam lhes dar).

H1: Ah, sempre a gente está olhando a fase deles, né? Os brinquedos.... Menino, dá os de menino, para menina dá os de menina.

Entrevistador (E): E vocês brincam junto com eles de alguma brincadeira?

H1: E aqui, porque menina, brinca tanto faz o... A menina brinca com o do menino, o menino com o da menina, sempre...

E: Dividem entre eles?

H1: Sempre mistura, aí não tem como ter... 'ah, vou brincar só com o carrinho! Vou brincar só com a boneca'... porque é tudo junto né? Os meninos ficam os brinquedos tudo... Aí brinca junto.

(H2, quando questionado sobre o que queria ser quando crescesse).

Eu só não fiz curso de manicure, de cabeleireiro, mas de resto eu fiz tudo.

(H3, quando questionado sobre a divisão de tarefas em sua casa na infância).

Homem não podia arrumar cama, homem não podia ir para cozinha. Eu lembro que uma vez eu estava passando meu quimono, e meu pai ficou bravo comigo.

(H2 quando questionado se tinha vontade de ser pai).

Sempre, sempre tive vontade. Sempre imaginei. Sempre imaginei ter filho e jogar bola com ele, e tal, sempre imaginei.

E: Você tinha preferência de sexo ou você já imaginava se era menino ou menina?

H2: Não, não imaginava. Eu nunca tive expectativa do que seria. Se for homem, vai chamar tal e eu vou brincar com ele. Se for menina vai chamar tal e ela vai ter as brincadeiras dela, normais.

Como se pode observar no recorte referente ao H1, apesar das crianças brincarem juntas e dividirem os brinquedos, e isso aparentemente não caracterizar um problema, há aqueles que devem ser direcionados aos meninos e os que devem ser direcionados às meninas. Ele delimita esse espaço quando faz menção às brincadeiras tradicionalmente associadas a cada um dos gêneros (carrinho e boneca). É importante ressaltar que, mais do que um apreço das crianças por determinados brinquedos de acordo com seu gênero, o H1 demarca a ideia de adequação para cada um dos gêneros ('Menino, dá os de menino, pra menina dá os de menina'), ideia que é reafirmada pelo H2 quando diz que apenas não fez curso de manicure e cabeleireiro, e pelo H3 quando fala sobre arrumar a cama, ir para a cozinha e passar roupas, atividades tradicionalmente ligadas ao feminino que, portanto, não cabem na narrativa de vida de um homem e, conseqüentemente, têm reduzida sua possibilidade de surgimento do Interdiscurso (ORLANDI, 2013; PÊCHEUX, 2014).

Além das crianças terem suas atividades circunscritas pelos estereótipos de gênero eles também cerceiam as atividades que podem ou não ser realizadas pelos pais junto aos seus filhos. No caso, o pai brinca com o filho de atividades supostamente apropriadas para o masculino, como quando H2 conta que desejava brincar e jogar bola com o filho ao passo que se fosse uma menina ela teria as

brincadeiras ‘dela’, ou seja, das quais ele não participaria, pois não estão no mesmo ‘universo’. Vale ressaltar o uso da palavra ‘normal’ atribuída às brincadeiras de meninas e meninos, apontando para a naturalização dos estereótipos de gênero e para o Esquecimento 2 (ORLANDI, 2013; PÉCHEUX, 2014), já que H2 poderia ter dito ‘comuns’, por exemplo.

Assim como algumas atividades são defendidas como apropriadas para meninos, há também a suposição de que alguns traços de personalidade lhes são típicos ou recorrentes, o que leva os pais a adotarem posturas diferentes quando diante de meninos e meninas (FD2). No que diz respeito ao masculino, pode-se citar os seguintes recortes:

(H3 quando questionado do que costumava brincar quando criança).

H3: Eu gostava muito de caçar, saía para caçar no meio do mato, na maior parte das vezes sozinho. Com 7, 8 anos de idade eu já me embrenhava no meio do mato, porque era uma tradição lá em casa.

E: E seu pai fazia também, ele tinha esse costume?

H3: Ele tinha, e a criança se espelha no pai, né? Eu não conheço uma *criança* que não gosta de arma, porque ela vê na TV e nos filmes, dá aquela sensação de poder né? Que é uma ilusão, mas dá. Então quando a gente é criança e pega uma metralhadora na mão, é uma coisa que tira o sorriso de qualquer *moleque*.

(H4 quando questionado sobre sua adolescência).

H4: Era de ficar (com meninas), não era de levar em casa não. Tinha o péssimo hábito de beber muito com os amigos, tomara que você não tenha isso. Era bagunça.

E: Saía, tinha hora para voltar para casa?

H4: Não, não tinha não.

E: Com quantos anos você começou a poder sair, que a mãe começou a liberar mais?

H4: Acho que... com uns 14 anos, 13 anos. Aí já não tinha rédea.

Destaca-se nos discursos que aos meninos são oferecidas autonomia, liberdade e independência antes das meninas, em alguns casos ainda na infância, como demonstrado no relato do H3 quando aos oito anos já acampava sozinho e manuseava armas de fogo. Não há nos discursos acerca do masculino descrição da vigilância ou controle exacerbado dos pais, pelo contrário, os discursos apontam para uma falta deles – como demonstrado pela expressão ‘não tinha rédea’, referida pelo H4. Essa narrativa endossa a FD2, anteriormente citada, apontando comportamentos que de fato denunciam a diferenciação do tratamento dos pais no trato para com os filhos.

Outro aspecto importante refere-se ao deslizamento de sentido que ocorre no discurso do H3, o que na AD pode ser denominado metáfora (ORLANDI, 2013). Ao falar sobre a ‘sensação de poder’ que qualquer ‘criança’ sente ao ter contato com uma arma de fogo ele desliza o sentido para ‘moleque’ (substantivo masculino), restringindo a ‘sensação de poder’ ao masculino, visto que ele

poderia ter mantido a palavra ‘criança’ (acusando novamente o funcionamento do Esquecimento 2) (ORLANDI, 2013; PÊCHEUX, 2014). É pertinente dizer que de fato as possibilidades de sensações como poder, autonomia e liberdade fiquem restritas ao masculino, já que os meninos não estão submetidos a vigilância e controle severos dos pais, diferente das meninas.

Se, de acordo com os participantes há atividades apropriadas para cada um dos gêneros e, conseqüentemente, maneiras adequadas de lidar com cada um dos filhos de acordo com gênero, há também uma presunção dos modelos de relacionamento adequados e, a partir deles, estão estabelecidos qual o papel a ser desempenhado por meninos/homens e meninas/mulheres (FD3), como relatado a seguir:

(M2 quando questionada sobre o que ela ensina aos filhos).

F2, eu não quero que você faça isso, tem que pensar que ela é uma menina também. Não quero que você aproveita, não quero’, sabe? Essas coisas assim? Não é porque ele é homem que ele tem o direito. Porque muitas vezes o que acontece? O H2 é assim: A F1 chega falando ‘ai que tenho um amiguinho’, e ele já ‘opa, que amiguinho?’ teve um amiguinho na escola que a mãe estava brincando que ela era namorada dele. Ele já fechou a cara. Aí o F2 chegou esses dias falando da *colega de sala* da sala dele, e ele já deu um sorrisão. Opa, mas pera aí! Eu falei, ‘você já parou pra pensar se o pai da menina vai gostar se o pai da menina ouvir que a *colega de sala* é namorada dele?’

(H3 quando questionado sobre como ele acredita ser o modo ideal para que uma família se relacione).

Então, na minha visão, o que é um erro? Eu não trabalhar a cabeça do meu filho para que ele não enxergue as mulheres como sendo algo que deveria ter a maior importância na vida dele, porque ele saiu de dentro de uma! Então o respeito que ele tem que ter com uma mulher é idêntico ao que ele tem que ter com a mãe dele, com qualquer mulher que ele encontrar na frente.

(M5 ao ser questionada sobre o que seria muito difícil de aceitar de seus filhos).
Sobre droga! Ou virar [faz menção gestual à homossexualidade], porque hoje em dia, né? Mas não, com eles não, porque tem um Deus e a gente ensinou tudo. Mas com esse mundo lá fora a gente tem medo sim. Com esse mundo nós educa de um jeito, mas lá fora está de outro, então você não sabe...

O primeiro destaque nas falas dos participantes é o de que por serem meninos seus filhos devem se relacionar com meninas/mulheres. Isso fica subentendido nas falas e no único momento em que essa possibilidade é questionada é logo significado como um comportamento considerado inadmissível. Assim, o natural e esperado para ‘bons meninos/homens’ é que se relacionem com meninas/mulheres. Pode-se dizer que os sentidos resgatados do Interdiscurso (ORLANDI, 2013;

PÊCHEUX, 2014) pelos pais concebem apenas relacionamentos heterossexuais no campo do normal ou aceitável.

Os discursos também denunciam os papéis que devem ser ocupados pelos meninos/homens em seus relacionamentos com meninas/mulheres: os meninos/homens são aqueles que têm autonomia sobre as meninas/mulheres, aqueles que podem se aproveitar delas. Porém, como apresentado nas falas da M2 e do H3, não devem fazê-lo para que sejam ‘bons rapazes’. Esse aspecto fica evidente nos discursos dos participantes: M2 ao questionar o H2 sobre sua atitude diferente mediante a mesma situação com os filhos, não pergunta sobre o que a possível ‘namorada’ do F2 pensa sobre o título que lhe foi empregado, mas sim o quanto isso agrada seu pai.

Também é possível perceber no recorte do H3 uma metáfora (ORLANDI, 2013; PÊCHEUX, 2014) em que há um deslizamento do sentido de ‘mulher’ para ‘mãe’, associando o espaço de importância e respeito ao feminino à maternidade, como se por serem mães (reais ou potências) as mulheres devessem ser respeitadas por seu filho, e não por serem, por exemplo, cidadãs, pessoas ou seres humanos.

Vistas as FD sobre o ‘universo masculino’, pode-se compreender que, segundo os sentidos produzidos pelos pais, há atividades e brincadeiras, como jogar bola ou brincar com carrinhos, mais adequadas a meninos (FD1), porque eles são naturalmente diferentes das meninas e, conseqüentemente, devem ter essas diferenças consideradas em sua educação. Dentre as diferenças de socialização e de educação é possível citar que aos meninos é oferecida maior liberdade e autonomia (FD2) e, dessa maneira, não ficam sob vigilância severa e constante dos pais. Essas diferenças refletem nos relacionamentos afetivos estabelecidos pelos meninos/homens (FD3), nos quais eles ocupam papel de autonomia e escolha, porém devem escolher respeitar as meninas/mulheres para que sejam considerados (significados como) bons rapazes.

O universo feminino

As mesmas FD que perpassam os discursos dos pais sobre seus filhos persistem em relação às filhas, porém com diferenças no que se considera natural e apropriado a elas. Dessa forma, os participantes também revelam que existem atividades e características próprias ao ‘universo feminino’ (FD1) que se justificam apenas pelo fato de serem meninas/mulheres, como é possível observar nos fragmentos a seguir:

(H1 quando questionado sobre o que é mais difícil de lidar na M1).

Eu gosto assim, de mais organizado, e ela já não. Se precisar de deixar uma roupa ali, ela deixa. Questão de casa que a mulher tem mais, e o homem. Ele é o que deixa, né? Não sei se é porque minha madrinha pegou no meu pé! Aí ela, hoje pegou o marido e uma boa dona de casa!

(M2 quando questionada sobre como ela acreditava que seria sua vida quando era criança).

Mas assim, desde pequena eu tive essa vontade. É uma coisa meio caseira, assim, sabe? De comidinhas, de cozinhas, e hoje eu faço pedagogia, então tudo está relacionado com essas brincadeiras, né?

(H3 quando questionado sobre suas expectativas em relação ao sexo dos filhos).
Ah, sempre tive vontade de ter primeiro uma menina, porque lá em casa sempre foi só homem, então era só arma, putaria, então eu queria ter uma menina para arrumar o cabelo, alguma coisa feminina. E foi bacana, né? Porque eu achava que ia aprender um pouco mais sobre as mulheres tendo uma menina. Porque é onde você aprende a tratar uma mulher, tendo uma filha. Antes disso não! Você pode até achar que sabe, mas você não sabe, né? As mulheres é, elas têm uma forma de ver a vida totalmente diferente da nossa. Então quando você tem uma filha ela compartilha, sem medo de ser feliz, tudo o que ela vê! E é onde você começa a ver, né? Tantos erros que você cometeu no passado com mulheres porque não sabia que elas pensavam assim, tão diferente da gente.

(M3 quando questionada sobre o que os filhos gostam de brincar).
A [F1] sempre foi muito tranquila, ela gostava muito de filme, e gostava muito de boneca. Hoje ela ainda gosta de bebezinho, de bonequinha, ela gosta de andar de bicicleta, de ir no pula-pula, ela nada... Aí ela vai trocar de roupa, e fica se maquiando. Aí ela se maquia, ela ama se maquiar! Ela é apaixonada em maquiagem, ela é supervaidosa! E o cabelo dela, nossa! Ela tem o cabelo meio grande, encaracolado. E o [F2] já é coisa de arma, de arco e flecha, é pula-pula que tem em casa.

Os recortes discursivos reafirmam a ideia de que existem divergências entre os gêneros sustentadas a partir da diferenciação entre meninos/homens e meninas/mulheres. Isso fica evidente quando o H1 deixa subentendido que a mulher tem mais facilidade em lidar com a organização da casa em relação ao homem. Dessa forma, quando a M1 não abarca esse aspecto em sua personalidade isso não é tratado como uma característica sua, mas sim como uma falta, algo que deveria fazer parte dela por ser mulher, mas não faz. Outro aspecto importante na fala do H1 diz respeito ao fato de que quando ele se autorrefere como alguém que cuida da casa, ele utiliza a expressão ‘dona de casa’, no feminino, o que indica a dificuldade de resgatar no Interdiscurso (ORLANDI, 2013; PÊCHEUX, 2014) sentidos que associem o masculino às atividades domésticas.

Além das atividades domésticas (comidinhas, cozinhas) e educacionais (pedagogia), também ficam associadas ao feminino, no discurso dos pais, aquelas que remetem ao cuidado (de bonecas e de bebês) e as que dizem respeito à estética, como cuidados com o cabelo, moda e maquiagem. Essas atividades fazem menção aos sentidos comumente resgatados do Interdiscurso (ORLANDI, 2013; PÊCHEUX, 2014) sobre o feminino relacionados com a maternidade e com a vaidade e o suposto senso estético inerente à feminilidade.

A diferenciação entre o ‘universo masculino’ e o ‘universo feminino’ fica evidente no discurso do H3 quando ele estabelece uma distância entre os supostos

polos que o feminino pode ser compreendido por um homem apenas na condição da paternidade. E, nesse ‘universo feminino’ há um modo específico de pensar e interpretar o mundo, porém que é compartilhado por todas que nele se encontram, ou seja, segundo o H3 você aprende a ‘tratar uma mulher’ quando se torna pai. Isso indica que, segundo seu discurso, existiria uma maneira correta de tratar as mulheres por serem mulheres, isto é, uma perspectiva generalista baseada apenas na diferenciação de gênero.

Se é perceptível que os pais traçam diferenças na percepção sobre filhos e filhas, conseqüentemente eles acreditam que existem traços de personalidade inerentes a cada um dos gêneros, além de maneiras específicas de lidar com cada um, adotando posturas e aplicando métodos de educação e criação que acreditam ser consonantes com essas diferenças (FD2). Alguns deles podem ser exemplificados pelos seguintes trechos:

(M2 falando sobre a irmã).

Eu, olhando ela, de fora, eu não vejo uma pessoa casada, não vejo como uma pessoa que vai ter um relacionamento, porque ela é uma pessoa muito que a opinião dela tem que prevalecer, e é difícil você encontrar uma outra pessoa que aceite isso, né? É mais fácil uma mulher ceder do que um homem. Então eu vejo que para ela é difícil, ela não aceita ser mandada, sabe essas pessoas assim? Então eu realmente não vejo isso para ela, assim.

(H2 sobre atividades que a mulher faz melhor que o homem).

A mulher ela é mais... A natureza feminina é mais delicada. Então fala assim ‘arruma aquela cortina ali’, eu puxo a cortina e viro as costas e vou embora. Não vou colocar assim, bonitinho, para as pessoas chegarem e verem. A mulher ela é mais detalhista nesse sentido, delicada e tal.

(M2 contando sobre sua relação com o pai).

Então foi por isso. A minha irmã casou com 19 anos. Ela casou muito cedo por causa disso, por essa pressão! A gente não podia passear, a gente não podia sair, a gente queria sair e não podia. Geralmente a gente falava ‘Pai, a gente vai em tal lugar...’ por exemplo, a Exposição, porque antigamente aqui tinha Exposição, e ele chegava e falava ‘meia noite vocês têm que estar de volta’, ‘mas meia noite, pai?’ O show nem começou!’, então sempre foi essa luta.

(M3 quando questionada sobre sua adolescência).

O meu pai era muito protetor. Muito ciumento! Então eu só saía, que eu me lembro, eu só saía com ele! Às vezes eu ia na praça com minhas amigas, comer um lanche, mas ele levava e buscava. Hã... Quando eu... cheguei aos meus 15 anos, e foi a minha festa de 15 anos, eu disse que eu queria ir numa boate. E aqui tinha uma boate, na época, *nome da boate*, do *dono da boate*, e meu pai perguntou ‘vocês querem festa de 15 anos?’, e eu falei ‘não! Quero ir pruma boate!’, porque ele nunca tinha deixado ir [...] aí ele falou ‘Tudo bem, mas o seu irmão vai!’. Então eu tinha 15 anos e o meu irmão 19.

(M4 contando sobre sua adolescência).

Ah, adolescência foi dose, né?! Horário para sair, horário para chegar, viagens perdidas de oitava série, de colegial.

Os recortes apontam para uma vigilância intensa dos pais em relação às filhas. Há nos relatos regras severas e proibições constantes, restringindo consideravelmente até a adolescência as possibilidades de circulação das meninas/mulheres em ambientes que não o doméstico. Os discursos apontam para a necessidade de que elas estejam sob o olhar constante de outros homens, na justificativa de cuidar ou protegê-las, como quando M3 classifica seu pai como ‘protetor’.

É importante ressaltar que segundo o não-dito que permeia essa FD (ORLANDI, 2013; PÊCHEUX, 2014) a vigilância das meninas/mulheres deve ser realizada por homens, como menciona M3, para quem quando o pai não observa diretamente essa tarefa é designada ao seu irmão, também homem. E, para deixar a vigilância constante do pai, é necessário que as meninas/mulheres encontrem um companheiro, isto é, outro homem que as acompanhe dali por diante, como relatado por M2 sobre o casamento considerado ‘cedo’ da irmã para que ela pudesse se livrar da ‘pressão’ paterna.

Outro aspecto relevante aponta para a crença de que a mulher possui um traço de submissão e delicadeza inerente à sua condição feminina, o que possibilita que ela se relacione com homens; já as mulheres que não aceitam ‘ser mandadas’ não estão aptas a um relacionamento. Esse aspecto fica aparente no recorte da fala da M2 quando diz que é difícil encontrar ‘outra’ *pessoa* que aceite o fato da opinião do outro prevalecer, porém logo em seguida ela afirma que mulheres fazem esse movimento com frequência (‘É mais fácil uma mulher ceder do que um homem’); logo, é possível compreender que não é difícil encontrar outra pessoa, mas sim um homem que ocupe a posição discursiva (ORLANDI, 2013; PÊCHEUX, 2014) de submissão em um relacionamento. Nessa produção discursiva, o não-dito (ORLANDI, 2013; PÊCHEUX, 2014) denota os papéis a serem desempenhados por meninos/homens e meninas/mulheres nos relacionamentos afetivos nos quais a opinião masculina deve prevalecer e a mulher deve ceder.

Como os participantes atribuem atividades, aptidões e traços de personalidade ao feminino, a partir deles eles presumem modelos de comportamento e de relacionamentos que correspondem a essa lógica (FD3), como exposto a seguir:

(M2 falando sobre o relacionamento dos filhos com os colegas).

Você sabe que a mamãe não gosta desse tipo de palavreado, porque a mamãe já te explicou o porquê a mamãe não gosta. A mamãe não gosta de certos tipos de comportamentos, de ficar levantando a perna para cima... Você é uma mocinha! Você tem que se comportar como uma mocinha. Não que você não tenha o direito de brincar, de pular, mas tudo tem limite [F1]’, explico tudo isso para ela.

(M2 sobre o que ela acredita ser importante que os filhos saibam).

‘[F1], você precisa ter muito cuidado com os rapazes, você não pode deixar ele aproveitar, pra te fazer de boba, pra isso’. Hoje em dia não tem mais homem assim, é difícil você achar uma pessoa que te respeita, que respeita as pessoas. Porque hoje em dia homem só pensa em uma coisa, eles não querem nem saber o que você está pensando, o que ele tá fazendo, o que ele tá causando na sua vida. Eles não querem nem saber, eles só querem saber do momento em que eles tão vivendo. E aí quem fica machucada? A mulher, coitada, sempre. Porque entra de cabeça em um relacionamento achando que vai dar tudo certo, e no final das contas dá tudo errado. Eu não quero isso, não quero que o [F2] seja assim, sabe? Não quero que ele faça isso, esse tipo de coisa, e nem quero que a [F1] passe por esse tipo de coisa.

(M3 sobre a educação que recebeu dos pais).

Assim, meu pai, por mais que ele tenha sido superprotetor, por mais que na época você se sente sufocada, mas hoje eu vejo que foi bacana! Porque ele me preservou como mulher, de que ele não deixava eu ir em qualquer lugar com o meu namorado, ele não deixava eu viajar.

(M5 sobre o que é importante ensinar especificamente para cada um dos filhos).

Não, eu já conversei muito com ela, igual agora ela está namorando, não deixar né? Você pode fazer tudo, menos sexual, né? Isso aí.

De início é possível dizer que, segundo os recortes, as mulheres precisam se resguardar e se preservar, principalmente no que tange à sexualidade. Esses cuidados que visam preservar a figura feminina determinam o modo de se falar, sentar, brincar, aonde podem circular, com quem podem ir e como (não devem) se relacionar sexualmente. Todas essas restrições e normativas estão enraizadas apenas na diferenciação de gênero, ou seja, no fato de que esses sujeitos, especificamente, são meninas (‘você tem que se comportar como uma mocinha’/‘ele me preservou como mulher’).

Dessa maneira, quando os sentidos sobre ser menina/mulher são resgatados do Interdiscurso (ORLANDI, 2013; PÊCHEUX, 2014), eles apontam para uma perspectiva generalista do feminino, respondendo a posição discursiva menina/mulher e não empiricamente às meninas (filhas) em questão, o que ilustra também o funcionamento do Esquecimento 2 (ORLANDI, 2013; PÊCHEUX, 2014), pois a mãe poderia justificar sua reprovação pelo comportamento de levantar às pernas com os dizeres ‘é falta de educação’, por exemplo, mas o faz com base na posição discursiva ocupada pelo feminino (‘mocinha’) e no Interdiscurso que estabelece como uma menina deve se comportar.

Por isso, resta à mulher comportar-se da maneira correta e ter cuidado para que se relacione com um homem (‘bom rapaz’) que a respeite, já que as possibilidades de tomada de decisão (inclusive sobre respeitá-la ou não) e a autonomia dentro dos relacionamentos ficam reservadas à posição discursiva ocupada pelo masculino. A condição de passividade reservada à mulher em seus relacionamentos com homens fica ilustrada de forma clara quando a M2 demarca

o espaço do seu filho como alguém que pode fazer (ou não) determinadas ações com suas futuras companheiras, ao passo que a filha está à mercê (‘não quero que F1 passe por esse tipo de coisa’) dos seus futuros companheiros.

Por fim, pode-se recuperar das FD sobre o feminino que há atividades para as quais, por serem meninas/mulheres, elas estão mais aptas ou são mais adequadas, como atividades relacionadas ao cuidado com a casa, com crianças e de cunho estético, além de traços de personalidade inerentes ao ser menina/mulher, como delicadeza e fragilidade (FD1). A crença nesses determinantes faz com que os pais, principalmente o pai/homem, adotem posturas específicas mediante a educação das filhas, normalmente mais vigilantes e controladoras, cerceando sua autonomia e sua liberdade (FD2). E, por fim, há papéis apropriados a serem desempenhados pelas mulheres, inclusive em seus relacionamentos afetivos e sexuais que perpassam o modo como se comportam, onde e com quem podem transitar e como se relacionam, apontando para uma passividade, submissão e necessidade de preservação do que é pertinente ao ‘universo feminino’ (FD3).

Processo Discursivo

As FD constituídas no *corpus* apontam para uma FI (ORLANDI, 2013; PÊCHEUX, 2014) binarista (isto é, que concebe as possibilidades de expressão de gênero restritas a dois polos opostos, sendo eles o feminino e o masculino) e heteronormativa (considera normal/natural a heterossexualidade) em relação ao gênero (BUTLER, 2015).

Isso aponta para o início bastante precoce do controle dos corpos e dos sujeitos por meio da sexualidade que dita com quem e como devem se relacionar afetivamente/sexualmente, balizando essas proibições e permissões com base em determinantes de normalidade ou de patologias/desvios (FOUCAULT, 2014). Dessa maneira, assim que nasce, o sujeito é lançado em uma rede de discursos (Relação de Sentido) preexistentes e que definirão suas possibilidades de existência com base nos sentidos já produzidos sobre o sexo que lhe foi designado a partir da observação de sua anatomia (ORLANDI, 2013; PÊCHEUX, 2014).

Esse ponto faz-se importante para questionar o aspecto biológico que sustenta as argumentações acerca das divisões de tarefas e atribuições de características às meninas/mulheres e meninos/homens, que têm como referências polos opostos, denominados neste estudo de ‘universo feminino’ e ‘universo masculino’, quando, o que ocorre de fato é uma reiteração constante dos estereótipos de gênero construídos socialmente que são internalizados pelos sujeitos em suas práticas. O que se pretende dizer aqui é que não se é feminino/masculino, mas a feminilidade e a masculinidade são performatizadas nas relações de gênero (BUTLER, 2015).

Os discursos possuem papel fundamental no processo de naturalização que transmuta aquilo que é construído no coletivo e produto sócio-histórico (língua) para um suposto lugar biológico e inerente (anatômico) aos gêneros. A repetição parafrástica dos discursos que reafirmam, com respaldo na aparente transparência da linguagem, os sentidos que correspondem a FI vigente (binária, heteronormativa e de dominação masculina) atribui a eles status de verdade,

fazendo com que mediante as Relações de Força ganhem relevância em detrimento de ideologias que questionam e oferecem outras possibilidades de compreensão e de expressão para o masculino e para o feminino (ORLANDI, 2013; PÊCHEUX, 2014).

Como dito anteriormente, ao nascer o sujeito é lançado em uma rede de sentidos que não é inaugurado e nem se encerra nele; dessa forma, além dessas predeterminações que gerenciam suas possibilidades de ser, o Interdiscurso e a FI também determinaram as condições materiais de produção discursiva de cada sujeito, constringendo o que pode ou não ser dito por eles a partir de suas posições históricas, sociais e culturais (ORLANDI, 2013; PÊCHEUX, 2014). Por isso, nem tudo pode ser dito por qualquer um, em qualquer circunstância e sobre qualquer coisa, havendo interdições sociais e históricas que circunscrevem os discursos dos sujeitos (FOUCAULT, 1996); e, como visto, algumas dessas interdições respondem às FD do campo da sexualidade e de gênero.

Visto isso, compreende-se que determinados sentidos são permitidos e outros vetados às meninas/mulheres e aos meninos/homens, fazendo com que os mesmos discursos se tornem recorrentes para/sobre determinados sujeitos com base em seu gênero, sedimentando os sentidos determinados no Interdiscurso, e tornando difícil o resgate de outras possibilidades discursivas, até que elas atinjam uma aparente naturalidade (ORLANDI, 2013; PÊCHEUX, 2014).

O discurso recorrente, inclusive o desta pesquisa (de que mulheres são delicadas, frágeis, submissas e têm mais habilidade, naturalmente, para lidar com a casa e cuidar dos filhos, assim como o de que homens são independentes, fortes, fazem decisões mais acertadas, lidam melhor com o poder e com atividades como dirigir e manusear armas), não encontram respaldo, portanto, nas habilidades naturais desses sujeitos, mas sim em uma produção histórica de sentidos sedimentados no Interdiscurso que sustentam uma FI de dominação do masculino sobre o feminino (BEAUVOIR, 1980; BORDIEU, 2002; SAFIOTTI, 2001).

Não é ao acaso que determinadas características e tarefas são designadas as mulheres e homens, pois o modo como são distribuídas respalda a divisão sexual do trabalho a partir da qual as mulheres são responsáveis pelo cuidado doméstico enquanto os homens ocupam o papel do provedor, delimitando as mulheres aos espaços de reprodução enquanto aos homens ficam designados aos de produção (DE SOUZA, BALDWIN & ROSA, 2000; KERGOAT, 2009). Essa lógica não só sustenta a dominação do masculino sobre o feminino como também sustenta a organização social do trabalho, mantendo o regime de lucro e exploração em pleno funcionamento (CHAUÍ, 2012; MARX, 2011).

Nesse processo de transmissão de valores e normas da sexualidade e gênero, a família ganha destaque, pois a ela vai é atribuído o dever de gerar sujeitos ajustados às regras sociais que ditam o que é 'normal' nesse campo (FOUCAULT, 2014; LONGARAY & RIBEIRO, 2015; SOLIVA, & JÚNIOR, 2014). Vários estudos apontam a relevância da família no processo de formação da Identidade de Gênero dos filhos e na expressão de sua sexualidade (BINSTOCK & GOGNA, 2015; SAVEGNAGO & ARPINI, 2014; SAVEGNAGO & ARPINI, 2016; SEGOVIA & CARO, 2015).

Quando compreendemos o discurso como a produção de sentidos entre interlocutores (ORLANDI, 2013; PÊCHEUX, 2014), constata-se que ele pode ser constituído de qualquer materialidade que produza sentido como a fala, a escrita, os símbolos, os gestos e, inclusive, a práxis humana (CAREGNATO & MUTT, 2006). Dessa maneira, não apenas as falas e orientações objetivas dos pais aos filhos no contexto familiar interferem na constituição dos sentidos sobre sexualidade e gênero, mas também o modo tradicional como as famílias se organizam (BOTTON, CÚNICO, BARCINSKI ET AL, 2015; CARVALHO & LOGES, 2014; SENKEVICS & DE CARVALHO, 2015). Segundo as FD desta pesquisa, pode-se ver que todas as famílias se organizam de maneira tradicional, na qual a mãe se dedica aos cuidados dos filhos e o pai provê financeiramente a família, cristalizando sentidos e papéis femininos e masculinos e contribuindo para o fortalecimento da FI que os circunscrevem.

Visto isso, é pertinente dizer que por meio dos discursos, em suas diversas possibilidades de materialização, constituem-se Formações Imaginárias (ORLANDI, 2013; PÊCHEUX, 2014) que estabelecem como uma mulher ou um homem devem se comportar, como devem se sentir, quais atividades devem realizar, com quem e como devem se relacionar e quais traços de personalidade devem sustentar. Dizer isso significa que o que rege as relações e a constituição dos sujeitos não são seus lugares empíricos, mas sim os espaços imaginários que correspondem às posições discursivas que eles ocupam em determinada FI (ORLANDI, 2013; PÊCHEUX, 2014).

Dessa forma, ao nascer os indivíduos são interpelados em sujeitos pela Ideologia, que ao mesmo tempo em que os situa em uma produção de sentidos sócio-histórica determinando suas possibilidades de produção e de existência a partir das posições discursivas que ocupam, oferece à linguagem uma suposta transparência, naturalizando os sentidos até que assumam o caráter de verdade ou obviedade. Esse processo é perpassado pelo Esquecimento Número 1, que faz com que os sujeitos acreditem em sua autonomia e liberdade de escolha, como se suas produções discursivas tivessem início neles mesmos e não em uma memória discursiva (ORLANDI, 2013; PÊCHEUX, 2014). Reflexo disso é a crença dos participantes de que, por exemplo, a submissão feminina é um traço de personalidade das mulheres, ignorando o fato de que todas cresceram sob intensa vigilância e controle dos pais, ou o desejo pela maternidade como um sonho particular, mas precedido por brincadeiras e incentivos com íntima ligação com ser mãe.

Por fim, é possível dizer que a família ainda exerce, de forma inconsciente, um papel de controle e de reprodução dos sentidos produzidos sobre sexualidade e gênero tradicionais, contribuindo para a cristalização da FI vigente que cerceia e recrimina, muitas vezes de maneira violenta, mulheres e dissidentes da heteronormatividade. Porém, é possível notar maior disponibilidade dos pais em ampliar as possibilidades discursivas sobre esse tema, aparentando ser uma importante instituição para o desenvolvimento de ações (e, quiçá, de políticas públicas) que visem romper com a produção parafrástica dos sentidos sedimentados sobre sexualidade e gênero, iniciando um processo polissêmico que

produza novos sentidos e, conseqüentemente, novas possibilidades de expressão e existência para os sujeitos (BEAUVOIR, 1980; BORDIEU, 2002; SAFIOTTI, 2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma FI que restringe as possibilidades de expressão da sexualidade e de gênero e que sustenta a dominação do masculino sobre o feminino é importante pensar em alternativas que ofereçam respaldo às mulheres e aos dissidentes das normas estabelecidas, garantindo a eles uma vida digna e segura, além da necessidade de ampliar as possibilidades de ocupar espaços de produção social por esses sujeitos.

Esta pesquisa demonstrou que a família se apresenta como uma instituição de relevância na constituição e no desenvolvimento dos sujeitos, sendo permeada por concepções tradicionais de expressão de gênero que influenciam significativamente na formação da Identidade de Gênero de seus membros, reforçando estereótipos sustentados por um processo de biologização do sexo/gênero.

É importante, sobretudo, pensar em propostas de novos estudos que abarquem também os discursos dos outros membros das famílias, como os filhos e quaisquer outros sujeitos que componham o núcleo familiar, possibilitando perspectivas mais abrangentes de compreensão da produção de sentidos sobre gênero e sexualidade nessa instituição.

Ainda assim, notou-se que a família pode constituir um importante contexto de intervenção de políticas públicas que busquem reconfigurar as alternativas discursivas e práticas no campo da sexualidade e gênero, pois além de se caracterizar como relevante rede de apoio para os sujeitos que, de alguma maneira, são penalizados pela FI vigente, ela se apresenta como instituição capaz de ampliar suas possibilidades de existência e atuação social, em uma produção polissêmica de sentidos que altere as posições discursivas cristalizadas para homens e mulheres.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos do Estado: Notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)*. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1985.

BEAUVOIR, S. *O segundo Sexo: Fatos e Mitos*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1980.

BINSTOCK, G.; GOGNA, M. La iniciación sexual entre mujeres de sectores vulnerables en cuatro provincias argentinas. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, n. 20, p. 113, 2015.

BIROLI, F. Autonomia, dominação e opressão. In: MIGUEL, L.F. & BIROLI, F. (Org.). *Feminismo e Política*. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 109-122.

BORDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2002.

- BOTTON, A.; CÚNICO, S. D.; BARCINSK, M.; STREY, M.N. Os papéis parentais nas famílias: analisando aspectos transgeracionais e de gênero. *Pensando famílias*, v. 19, n. 2, p. 43-56, 2015.
- BUTLER, J. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da identidade*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2015.
- CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto Contexto Enfermagem*, v. 15, n. 4, p. 679-84, 2006.
- DE CARVALHO, M. P.; LOGES, T. A.; SENKEVICS, A. S. Famílias de setores populares e escolarização: acompanhamento escolar e planos de futuro para filhos e filhas. *Estudos Feministas*, v. 24, n. 1, p. 81-99, 2016.
- CHAUÍ, M. *O que é Ideologia?* São Paulo, SP: Brasiliense, 2012.
- DE SOUZA, E.; BALDWIN, J. R.; ROSA, F. H. A. construção social dos papéis sexuais femininos. *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 13, n. 3, p. 485-496, 2000.
- FERREIRA, G. G.; AGUINSKY, B. G. Movimentos sociais de sexualidade e gênero: análise do acesso às políticas públicas. *Revista Katálysis*, v. 16, n. 2, p. 223-232, 2013.
- FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, M. *A história da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2014.
- GOMES, A. M. T. Do discurso às formações ideológica e imaginária: análise de discurso segundo Pêcheux e Orlandi. *Revista de Enfermagem. UERJ*, v. 15, n. 4, p. 555-562, 2007.
- KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações de sexo. In: HIRATA, H.; LABORIE, F.; DOARÉ, H. L. & SENOTIER, D. (Org.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009, p. 67-75.
- LONGARAY, D. A.; RIBEIRO, P. R. C. Espaços educativos e produção das subjetividades gays, travestis e transexuais. *Revista Brasileira de Educação*, v. 20, n. 62, p. 723-747, 2015.
- MARX, K. *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- OLIVEIRA, M. A. C.; LEÃO, A. L. M. S. Sendo aos olhos do outro: o papel da alteridade na construção da identidade metrosssexual. *Revista de Administração*, v. 47, n. 2, p. 264-274, 2012.
- ORLANDI, E. P. *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 2013.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Unicamp, 2014.
- PESSOA, C. T.; COSTA, L. H. F. M. Constituição da identidade infantil: significações de mães por meio de narrativas. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 18, n. 3, p. 501-509, 2014.
- PIRES, V. L.; SOBRAL, A. U. Implicações do estatuto ontológico do sujeito na teoria discursiva do Círculo Bakhtin, Medvedev, Voloshinov. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 8, n. 1, p. 205-219, 2013.

- SAFIOTTI, H. I. B. *O Poder do Macho*. São Paulo: Moderna LTDA, 2001.
- SAVEGNAGO, S. D. O.; ARPINI, D. M. Conversando sobre sexualidade na família: olhares de meninas de grupos populares. *Cadernos de Pesquisa*, v. 43, n. 150, p. 924-947, 2014.
- SAVEGNAGO, S. D. O.; ARPINI, D. M. A Abordagem do Tema Sexualidade no Contexto Familiar: o Ponto de Vista de Mães de Adolescentes. *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 36, n. 1, p. 130-144, 2016.
- SEGOVIA, J. S.; CARO, L. M. Ideales regulatorios sobre embarazo y maternidad en hombres y mujeres jóvenes del norte de Chile. *Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana*, n. 21, 2015.
- SENKEVICS, A. S.; DE CARVALHO, M. P. Casa, rua, escola: gênero e escolarização em setores populares urbanos. *Cadernos de Pesquisa*, v. 45, n. 158, p. 944-968, 2015.
- SOLIVA, T. B.; JUNIOR, J. B. S. Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana*, n. 17, 2014.